



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação [ST]

THE INDIVIDUAL AND THE COMMON: ARTE POLÍTICA E CRÍTICA SOCIAL

MORA, Teresa

Doutorada, Sociologia, CICS.NOVA.UMinho, tmora@ics.uminho.pt

Resumo

Esta comunicação reporta-se a uma investigação que estou a desenvolver sobre a rede de teatros europeus House on Fire, fundada em 2011 pelo Maria Matos – Teatro Municipal de Lisboa. São apresentados alguns elementos empíricos esclarecedores da atuação da House on Fire como agente de arte política, releva-se a crítica social como objetivo da sua ação programática e, a partir do programa temático “The Individual and the Common” que decorreu no período 2013-2014 de programação da rede, ilustra-se a sua ligação a repertórios de ação discursiva provenientes da cultura científico-social-filosófica. O material documental que apoia esta investigação é composto por programas, planos de atividade e entrevistas de artistas nos media. O objetivo que a enquadra é o de demonstrar a confluência de quatro traços que, desde final dos anos 90, têm vindo a marcar as práticas artísticas, nomeadamente no contexto europeu: 1- a viragem para o social; 2- a urgência da realidade; 3- o pensamento crítico, nele inscrito o impulso utópico de outras possibilidades para o futuro; 4- e a diluição da tradicional divisão institucional entre cultura artística, por um lado, e cultura científico-social e filosófica, por outro.

Abstract

This presentation resorts to my research work about European theatre network House on Fire, which was created by the Lisbon Municipal Theatre- Maria Matos in 2011. In this presentation, empirical information is given about House on Fire action as an agent of political art; it is explored the social critique in the programme intention of the network; and, by focusing on the thematic programme “The Individual and the Common”, which had placed between 2013-2014, it is exemplified the connections between House on Fire and a discursive repertoire grounded on the scientific-social-philosophical cultural tradition. The documental data which supports this research is composed by theatre programmes, activity plans, interviews of artists in the media. The aim of this research is to demonstrate the confluence of four paths that, since the late 90’s, have been to mark the artistic practices, namely in the European context: 1 – the social turn; 2 – the urgency of reality; 3 - the critical thought, which is connected to an utopic impulse of other conditions of possibility to the future; 4 – and the blurred of the boundaries between artistic culture and scientific-social and philosophical culture.

Palavras-chave: arte política; cultura científico-social e filosófica; impulso utópico; individual e comum

Keywords: political art; scientific-social and philosophical culture; utopian impulse; the individual and the common

[COM0697]

1. Introdução

A comunicação que vou apresentar irá ser apoiada por alguns resultados preliminares e uma breve ilustração de um estudo de caso que estou a desenvolver sobre a House on Fire: a rede de dez teatros e festivais europeus, fundada, em 2011, pelo Maria Matos – Teatro Municipal de Lisboa (MM) – que é simultaneamente o teatro coordenador,¹ com o apoio do Programa Cultura da Comissão Europeia para o período 2012-2017.

Este estudo é enquadrado pelo objetivo geral de investigar práticas artísticas portadoras de alternativas ao modelo euro-americano de sociedade no qual estamos cada vez mais a ser levados a viver. Que modelo é esse? Podemos caracterizá-lo por um conjunto de características principais, supostamente reconhecíveis por uma parte de nós, inclusive na sociedade portuguesa atual, que *grosso modo*, podem ser sintetizadas nos traços seguintes: a voracidade do capitalismo; a instalação de uma política neoliberal; a fragilidade da democracia; o quebranto do contrato social; o desmantelamento do Estado Social; o avanço do fascismo social (ver Santos, 2002, 2006, 2007); e a ameaça ecológica.

É minha convicção que na atualidade os agentes artístico-culturais podem estar a desempenhar um papel de relevância política a dois níveis: primeiro, pela reflexão que agenciam em torno do modelo de sociedade referido; segundo, por intentarem suscitar *por meio da prática artística* outras possibilidades de atenuar problemas sociais, e outros modos de viver e de vivermos em conjunto, apelando, com maior ou menor grau de explicitação, a uma vida outra – justa e de bem estar social.

2. Arte política e crítica social

O objetivo de investigar práticas alternativas levou a que me focalizasse na *arte política*, entendida esta como a arte que distende o questionamento do modo de organização da sociedade nas suas estruturas de poder e de dominação. Nos nossos dias, a importância de fazermos estudos sobre arte política radica, a meu ver, numa evidência empírica: desde o final dos anos 90, um pouco por todo o mundo, em particular na Europa, e em Portugal também, assistimos a um processo de dinamização de práticas artísticas que em modalidades várias (das artes visuais às artes performativas) está a ser configurado por quatro traços tendenciais: a viragem social (1); a urgência da realidade (2); o impulso utópico (3); e as práticas colaborativas (4).

(1) A *viragem social*, ou o “social turn” a que se refere Claire Bishop (Bishop, 2006, 2012), tem vindo a ser formulada por diversos autores através de inúmeras categorias conceptuais: “new genre public art” (Lacy, 1995); “esthétique relationnel” (Bourriaud, 1998); “conversational art” (Bhabha, 1998); “dialogue-based public art” (Finkelpearl, 2000); “dialogical art” (Kester, 2005); “participatory art” (Bishop, 2006); “collaborative art” (Kester, 2011), etc. Sendo remissíveis para a variação de práticas a que se reportam, estes conceitos inscrevem como denominador comum a forte tendência para a arte assumir, em declinações várias, o seu valor *social* (ou *relacional*).

(2) A *urgência da realidade* – ou o que podemos designar por “reality trend”, em alusão ao movimento teatral conhecido por Theatre der Zeit, criado, em 2002, pelo coletivo alemão Rimini Protokoll, direcionado para o teatro documental e colocando em palco não-artistas – concretiza-se, entre outros aspetos, no agenciamento artístico do debate público sobre o mundo em que vivemos no que respeita a problemas sociais concretos, como a “desigual distribuição de recursos” ou a “dominação nos seus vários modos e contextos” (Lopes, 2012: 33-34). Esta tendência para a urgência da realidade vem, também, relevar a proximidade entre o valor de conhecimento resultante da prática artística e o conhecimento sobre o mundo atual produzido pela prática científico-social.

(3) O pensamento crítico que é constitutivo da arte política radica não só na posição de negação que uma determinada prática artística põe em movimento mas também na inscrição do movimento alternativo de

abertura a outros modos possíveis de estar/ser/viver. Daí ter optado pela expressão *impulso utópico*. Precisamente, interessam a esta investigação práticas artísticas em que o movimento de negação do instituído se abra a um “exercício” de exploração dos “possíveis laterais” (Ruyer, 1950: 9) à realidade que Ruyer definiu como sendo próprio do “modo utópico” de pensamento.

(4) Por último, é de evidenciar, também, que na atualidade estão a ser desenvolvidas *práticas colaborativas* entre cultura artística e cultura científico-filosófica, resultantes da aproximação, do diálogo e do cruzamento da reflexão (teórica) e da ação (metodológica e técnica) (Blasco, 2013) e atuando na intervenção (social), em escalas simbólicas e territoriais diversas, no espaço público, na rua, no bairro, na escola, na prisão, na casa-abrigo, no hospital, na comunidade terapêutica (Thompson, 2012), que vêm diluir a tradicional divisão entre artistas e cientistas sociais.

3. Material documental, níveis e eixos de análise

O intervalo temporal desta investigação sobre a *House on Fire* é o período 2012-2015 da sua atividade, estudada com base no material documental seguinte: o site de divulgação da rede ao público, o Plano de atividade (junho 2012 - dezembro 2014); a Proposta artístico-cultural do MM - Teatro Municipal de Lisboa (outubro 2014 - setembro 2018), os programas de divulgação da programação do MM e as folhas de sala disponibilizadas ao público.

O material documental é abordado a dois níveis: o nível 1, do *polo discursivo* da *House on Fire*, relativo ao Maria Matos, dado o seu estatuto de teatro fundador/coordenador da rede; e o nível 2, das companhias artísticas que integram a rede, entendidas estas como *nós discursivos*, e abordadas através dos seus próprios meios de divulgação, nomeadamente os sites e entrevistas veiculadas na imprensa.

A análise é orientada por três eixos: no eixo 1 – Arte política, procura-se identificar os focos temáticos de crítica social e a presença do elemento utópico; no eixo 2 – Cultura colaborativa, pretende-se identificar repertórios de ação (Tilly, 1986) provenientes dos regimes discursivos científico-social e filosófico (temas, autores, teorias, conceitos); finalmente, no eixo 3 – Arte participativa, pretende-se averiguar se ao público é conferido o lugar de coprodutor ou participante da obra de arte (ver Bishop, 2012).

4. *House on Fire*: um agente de arte política

No documento que detalha a ação da *House on Fire*² ressalta o pendor crítico da designação: “Fire stands for urgency” / “The House represents the sustainability that we seek”. No mesmo documento, este compromisso é coerentemente alicerçado na linha programática da responsabilidade social e do ativismo político:

Creations can be small or large scale, made by experience artists or emerging talents and belong to different formats such as theatre, dance, performance art, live art, happening, etc., but they will have in common their ambition to participate in the public debate about burning issues. In this way, the co-organisers of HOUSE on FIRE strive to internationalize and share the strong creative impulses of the new paradigm of social responsibility and political activism that is emerging in the performing arts and in the arts at large.

O valor de conhecimento da prática artística no debate público é também claramente enunciado:

In the past few years, a radical change has taken place in the performing arts and the arts world at large. Artists, curators, theatre directors and cultural agents have started to claim their place in the public debate about social, environmental and political issues, arguing that artists have an active role to play in society and that artists creation offers a specific, yet valid source of knowledge and experience.

Finalmente, ao teatro é atribuído o estatuto de “espaço público” (no sentido de Habermas), conforme as palavras de Mark Deputter, diretor do Maria Matos, o permitem evidenciar³:

Assumimos que o Teatro Maria Matos tem uma responsabilidade na estimulação do debate público. Encaramos o teatro como um espaço de reflexão sobre o estado do mundo e acreditamos que o encontro entre a criação artística e o pensamento crítico pode ser uma arma poderosa contra a indiferença e a falta de iniciativa cívica.

No período 2012-2015, a *House on Fire* desenvolveu um conjunto de seis programas temáticos com as designações seguintes: 1. *Art and Politics*; 2. *Biopolitics Gender Politics and Transhumanism*; 3. *Cultural Diversity at a Crossroads*; 4. *Government, Conflict And War*; 5. *The Individual and the Common*; 6. *The Politics of Economy*. Quatro dos programas indiciam determinadas problemáticas de crítica social, o quarto, por seu turno, tem como foco específico a Primeira Guerra Mundial, e o quinto versa sobre o tema fundamental de “O Individual e o Comum”. É com inscrição neste tema que irei fazer uma ilustração breve da presença do elemento político e da crítica social, assinalando a sua ligação com repertórios de ação discursiva provenientes da cultura científico-social e filosófica.

5. There’s no such thing as society: uma ilustração

Escolhi o programa temático *The Individual and the Common*, situado no intervalo 2013-2014 da programação da Rede *House on Fire*, por considerar que representa bem a proximidade da arte política aos elementos científico-social e filosófico. A este respeito, avanço dois argumentos que aqui sintetizo. O primeiro argumento é o da centralidade sociológica da relação individual-comum, que sabemos ser uma constante da teoria social, desde a matriz moderna da sociologia, no século XIX, com os autores clássicos, até às teorias sociológicas contemporâneas do século XX, oscilando entre o holismo e o individualismo metodológicos, mas sempre na tentativa de harmonizar num mesmo modelo de inteligibilidade da vida social ator e sistema, liberdade e coerção (Fernandes, 93: 258). O segundo argumento é o do reconhecimento nos nossos dias de um reequacionar da relação individual-comum, em particular, no pensamento crítico contemporâneo re-emergente desde final da década de 90 (ver Keucheyan, 2013; UNIPOP, 2014), com propostas teórico-conceituais diversas (Nancy, 1983; Blanchot, 1983; Agamben, 1990; Esposito, 1998).

Como parte do ciclo programático de *The Individual and the Common*⁴, decorreu entre setembro de 2013 e abril de 2014, no Maria Matos, o programa designado por *There’s no such thing as society* onde o elemento político se torna extremamente evidente, ao fazer-nos recuar aos anos 80 com a famosa frase de Margaret Thatcher representativa do neoliberalismo, que viria, mais tarde, sob a governação de Passos Coelho (2011-2015), a ser ensaiado também entre nós.

Lecture for every one da artista belga Sarah Vanhee é uma conferência-performativa (ver Olveira, 2014) que foi apresentada como parte integrante do programa *There’s no such thing as society*, em diversas cidades europeias, entre as quais Lisboa, em dezembro de 2013, em treze contextos muitos variados (organizacionais ou associativos, públicos ou privados) – entre os quais, a Obra Social Irmãs Oblatas, o Moinho da Juventude, o Coro Gulbenkian, a CML, o Hospital Sta. Maria, a Vodafone, o Canal Q, ou o Hotel Lutécia – perante audiências cujos códigos normativos Vanhee procura desestabilizar. A artista infiltra-se em situações de reunião ou assembleia (de um staf numa empresa, de professores para a discussão de notas dos alunos, de apresentação de um novo mandato para um determinado pelouro...) e dá uma pequena conferência de 15 minutos. O texto é sempre o mesmo: “um conjunto híbrido de histórias e reflexões políticas”⁵. Quando termina, abandona de imediato a reunião. Sem falar com as pessoas, deixa-as, supostamente a falar entre si.

Podemos considerar esta curta intervenção performativa como uma ilustração de um momento utópico: um fragmento espaço-temporal por meio do qual a artista procura que a “abertura aos possíveis laterais” à

ordem de trabalhos da reunião possa despontar. Por outro lado, com base em três testemunhos de Vanhee, dos quais, para terminar, trago aqui algumas citações, pode-se afirmar que a focalização discursiva desta prática artística apresenta nítidos pontos de convergências com “repertórios de ação” que são próprios dos regimes discursivos científico-social e filosófico. Numa entrevista dada em maio de 2013, à revista *Metro*⁶, a artista refere-se explicitamente à relação entre o indivíduo e o grupo como sendo o foco problemático da sua *Lecture for every one*:

Je pars des idées humanistes en posant la question: comment les gens peuvent vivre ensemble? Nous vivons dans le mythe de la ville atomisée, mais elle est structurée, qu’ on la veuille ou non, en petits rassemblements. Comment vivre alors la tension entre l’individu et le groupe?

Reportando-me a um texto de Joe Kelleher⁷, ficamos a saber que *Lecture for every one* tem também subjacente um repertório autoral de filósofos, entre os quais se contam não só os teóricos do contrato social, Rousseau e Hobbes, como, sobretudo, Hannah Arendt:

(...) for Vanhee (...) Arendt’s thoughts on the potentiality but also the fragility of the ‘space of appearance’ that comes into being wherever people “are together in the manner of speech and action”, has been crucial to her work on the Lecture.

Por último, no texto-síntese (datado de dezembro de 2013) que divulga a sua apresentação do projeto *Lecture for every one*, no Teatro Maria Matos, é-nos dado identificar no “comum” e na “partilha” a possibilidade “ética” inerente à sua proposta artística:

No texto, abordo algumas das minhas preocupações acerca da nossa convivência e da condição comum. Tento repensar uma ética do comum e da partilha (...)

Trata-se de uma possibilidade pensada como alternativa, e cito, à “linguagem impessoal da lei, da política, da comunicação social e da publicidade” que predomina na “sociedade ocidental contemporânea”⁸.

Referências

- Agamben, Giorgio (2006) [1990]. *La comunità che viene*. Valencia: Pretextos.
- Bhabha, Homi (1998). “Conversational Art”. In Mary Jane Jacob & Michael Brenson (Ed.), *Conversations at the Castle: Changing Audiences and Contemporary Art* (38-47). Cambridge, Mass and London: MIT Press.
- Bishop, Claire (2006). The social turn: collaboration and its discontents, *ARTFORUM*, february, 178-183.
- Bishop, Claire (2012). *Artificial hells: participatory art and the politics of spectatorship*. London & New York: Verso.
- Blanchot, Maurice (1999) [1983]. *Communauté inavouable*. Paris: Minuit.
- Blasco, Selina (Org.) (2013). *Investigación artística y universidad: materiales para un debate*. Madrid: Ediciones Asimétricas.
- Bourriaud, Nicolas (1998), *L’esthétique relationnelle*. Dijon: Les Presses du réel.
- Dias, Bruno Peixe & Neves, José (Coord.) (2011). *A Política dos muitos. Povo, classes e multidão*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Esposito, Roberto (2003) [1998]. *Comunitas: origini e destino della comunità*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Fernandes, Teresa Sousa (1993). “Individualismo e utopia”. In José Carlos Gomes da Silva (Coord.), *Assimetria social e inversão* (231-273). Lisboa: IICT – Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Finkelpearl, Tom (2000). *Dialogues in public art*. Massachusetts/London: The MIT Press.

- Kester, Grant (2005). “Conversation Pieces: The Role of Dialogue in Socially-Engaged Art”. In Zoya Kucor & Simon Leung (Ed.), *Theory in Contemporary Art Since 1985*. London: Blackwell.
- Kester, Grant (2011). *The one contemporary collaborative art and the many in a global context*. Durham, N.C.: Duke University Press.
- Keucheyan, Razmig (2013). *Hémisphère gauche. Une cartographie des nouvelles pensées critiques*. Paris: Éditions La Découverte.
- Lacy, Suzanne (1995). *Mapping the terrain: New Genre Public Art*. Seattle: Bay Press.
- Lopes, João Teixeira (2012). “Da especificidade da sociologia na transformação do mundo”. In Maria José Casa-Nova, A. Benavente, F. Diogo, C. Estevão & J. T. Lopes (Org.), *Cientistas sociais e responsabilidade social no mundo actual* (25-34). V. N. Famalicão: Edições Húmus.
- Nancy, Jean-Luc (1999) [1983]. *Communauté désouvrée*. Paris: Christian Bourgois.
- Olveira, Manuel (2014). *Conferencia performativa. Nuevos formatos, lugares, prácticas y comportamientos artísticos*. Castilla y León/Madrid: MUSAC/ This Side Up.
- Ruyer, Raymond (1950). *L'utopie et les utopies*. Paris: PUF.
- Santos, Boaventura de Sousa (2002). *Toward a new legal common sense*. London: Butterworths.
- Santos, Boaventura de Sousa (2006). *A gramática do tempo*. Porto: Afrontamento,
- Santos, Boaventura de Sousa (2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, 3- 46.
- Tilly, Charles (1986). *La France conteste de 1600 à nos jours*. Paris: Fayard.
- Thompson, Nato (Ed.) (2012). *Living as Form: Socially Engaged Art Form 1991-2011*, NY: Creative Time Books / MIT Press.
- Unipop (Org.) (2014). *Pensamento crítico contemporâneo*. Lisboa: Edições 70.

¹ A House on Fire é constituída pelos seguintes teatros e festivais: Maria Matos Teatro Municipal/EGEAC (Lisboa, Portugal) — coordenador, Kaaitheater (Bruxelas, Bélgica), BIT Teatergarasjen (Bergen, Noruega), Archa Theatre (Praga, República Checa), Théâtre Garonne (Toulouse, França), Frascati Theater (Amesterdão, Holanda), Malta Festival (Poznan, Polónia), brut Wien (Viena, Áustria), HAU Hebbel am Ufer (Berlim, Alemanha) e LIFT/London International Festival of Theatre (Londres, Grã-Bretanha)

² In *House on Fire: detailed description of the action*, s/d, policopiado (11 págs.).

³ In Marc Deputter, “Maria Matos Teatro Municipal Outubro 2014 – Setembro 2018 – Proposta artístico-cultural”, 16 junho, 2014: 20.

⁴ Constituído por cinco ciclos programáticos: In meeting; Me My self & I; Crash course failure; Performing the public: art & citizenship; e There’s no such thing as society.

⁵ In www.teatromariamatos.egac.pt (consultado em 15 de março, 2015).

⁶ “Lecture infiltré” in *Metro*, 03.05.2013: 1. In www.sarahvanhee (consultado em 25 de outubro, 2015).

⁷ In www.sarahvanhee (consultado em 25 de outubro, 2015).

⁸ In www.teatromariamatos.egac.pt (consultado em 26 de outubro, 2015).